

## Considerações Finais

“Nas asas da imaginação o homem abandona os limites estreitos do presente, em que o encerra a mera animalidade, para empenhar-se por um futuro ilimitado (...)”. (SCHILLER, 2002a: 121)

Após acompanhar parte da trajetória intelectual de Schiller, chegamos ao momento de elaborar algumas considerações finais em torno da reflexão desenvolvida. Dessa forma, agora se faz importante destacar pontos relevantes para a análise aqui empreendida. Como uma conclusão temporária, o que pretendemos é mais uma aproximação com as ideias de Schiller, porém sem qualquer ambição de encerrar a conversa que há alguns anos se iniciou.

A riqueza da obra de Schiller é proporcional à força das transformações que ocorriam em seu tempo. A vida nos anos limiares entre os séculos XVIII e XIX certamente estava sujeita a uma série de abalos e incertezas. De um lado, a *Aufklärung* e a filosofia do progresso, seguros de que a história era movida por um motor que não conhecia a marcha regressiva. A inexorabilidade do progresso era uma consequência da confiança na razão e no desenvolvimento da ciência. Por outro lado, no interior do próprio movimento da *Aufklärung* e para além dele, emergiu uma filosofia de crítica ao racionalismo e valorização da subjetividade. Não faltou muito para que surgissem simplificações dicotômicas, a fim de delimitar os projetos de modernidade em disputa. No palco dessa polarização, surgiu aproximadamente no início do século XIX a caracterização de duas posturas filosóficas/artísticas distintas: o *classicismo* e o *romantismo*. Em muitas tentativas, o pensamento do dramaturgo foi sistematicamente associado a um desses paradigmas. Porém, os resultados foram frustrantes. Como seria possível impor a um artista de sensibilidade tão ampla uma moldura deveras castradora? Sua obra é *moderna*, em sua forma e conteúdo. E, assim sendo, não poderia deixar de considerar a razão e o sentimento, e mais do que isso, o poeta pretendia uni-los. Portanto, embora tenhamos encontrado maiores pontos de aproximação entre a

reflexão de Schiller e os pensadores que iniciaram o primeiro movimento nomeadamente romântico, seria pouco recomendável a imposição de rótulos à obra de Schiller, que expressou de forma tão abundante os diferentes projetos do moderno que pairavam na atmosfera européia.

A composição das *Cartas para a Educação Estética da Humanidade* configura como mais um projeto para a construção do homem moderno. A concepção de uma educação dos sentidos encaixava-se perfeitamente ao programa de *esclarecimento* da população, já em voga na segunda metade do século XVIII. Para Schiller, apenas a boa educação – entendida como as boas maneiras – e a difusão das *Luzes* – através da educação formal e da ciência – não seriam suficiente para o cultivo do indivíduo. Seria necessário educar sua sensibilidade, a fim de fortalecer o campo de atuação da moral.

Dessa forma, foi atribuída à arte uma função especial: mediar a relação entre os sentidos e razão, de maneira a favorecer o exercício da liberdade. Todavia, como uma *educação estética* poderia beneficiar a *liberdade*? A predisposição pedagógica não comprometeria a liberdade? De acordo com o autor das *Cartas*, a arte não poderia ter nenhum outro objetivo senão o entretenimento. Caso contrário perderia todo o seu efeito estético. Por isso, afirmara a seu mecenas: “Não menos contraditório é o conceito de bela arte como ensinamento (didática) ou corrigidora (moral), pois nada é tão oposto ao conceito de beleza quanto dar à mente uma determinada tendência”. (SCHILLER, 2002a: 112) Sendo assim, Schiller não concebeu o seu projeto como uma pedagogia, mas como uma *Bildung*, um processo de formação contínua do homem, no qual a arte desempenharia um papel extremamente importante porque possibilitaria ao homem entrar em contato com o seu *Ideal*, sua meta. A centralidade que o jogo assumiu em sua teoria é bastante significativa para nosso argumento: a estética não deveria “educar”, impondo uma nova atitude, mas permitir a mudança a partir do livre jogo entre imaginação e entendimento, razão e sentidos.

A tragédia foi escolhida, entre os demais gêneros poéticos, justamente pela tensão intrínseca à sua temática. O jogo entre as forças da natureza e a vontade humana seria a maneira mais contundente para a realização do efeito estético. Na tragédia o homem seria representado não como indivíduo, mas como espécie, e ao

ser confrontado com a força do destino, ou do acaso, afirmaria sua liberdade através da resistência às condições externas. Essa interpretação da tragédia é capaz de nos revelar muito acerca da concepção de Schiller sobre o homem. O conflito trágico poderia ser entendido como uma representação da fratura no próprio homem moderno, cindido pela sua dupla natureza – sensível e formal – e incapaz de encontrar a plena harmonia, senão na Ideia. Foi na esteira dessa representação que a filosofia do trágico ganhou espaço entre as preocupações dos intelectuais do século XIX e tornou-se uma “visão de mundo”, cujo traço principal seria a percepção do homem moderno como fragmentado.

Entretanto, para Schiller a tragicidade intrínseca à experiência moderna não seria razão para o pessimismo, nem mesmo para uma atitude melancólica. Uma vez que da tensão originada na tragédia – o confronto entre a natureza e a vontade – poderia insurgir o Ideal a guiar a humanidade. Dito de outra maneira, o efeito trágico maior não seria a desventura ou a infelicidade, mas sim a superação da adversidade, a afirmação da vontade, o constrangimento da natureza, e, por fim, a ampliação da liberdade. Por mais que esse efeito se realizasse apenas na Ideia, o poeta estava certo que a experiência da liberdade no âmbito estético poderia cultivar no homem o impulso à ação moral, reino da liberdade por excelência. Seguindo esse pensamento, não seria peremptório concluir que a fratura – característica ontológica do homem moderno – só poderia ser superada na Ideia. Dessa forma, a experiência estética se afirmaria como fundamental para a formação e o amadurecimento do indivíduo rumo à meta que deve guiar a humanidade.

O pensamento estético articulado por Schiller revela-nos, concomitantemente, uma grande preocupação com a sua época, mas também certo otimismo nos tempos vindouros. Pois, se o diagnóstico não era positivo, contudo, o prognóstico era bastante confiante. O poeta estava certo de que as mudanças eram necessárias, e o ritmo acelerado dos tempos modernos provocava certo desconforto, mas a estética de Schiller não se curvou ao pessimismo – que parece ter se alastrado entre os intelectuais da primeira metade do século XIX. Ao contrário, proclamou a superioridade do homem, por sua capacidade de aliar razão e imaginação na construção do novo mundo. A compreensão estética do dramaturgo pode ser compreendida como fruto do ato simultâneo de um olhar

adiante, com expectativas no horizonte, e um olhar para trás, a fim de afirmar seu pertencimento. Essa ambigüidade, esse homem fraturado pelo universalismo dos valores clássicos e pela especificidade e organicidade de uma Alemanha em processo de edificação garantem a riqueza e diálogo na produção de Schiller. Sujeito a uma multiplicidade de vozes, a tensão dos tempos modernos encontraram nele um tradutor, que no ato da tradução criava novas formas de expressar os sentimentos, angústias, esperanças, necessidades e possibilidades desse porvir da humanidade.